

# MUSEU DA PESSOA

## História

### História de Vida

História de: [Maria Evanda Gomes](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 05/05/2004

### Sinopse

Maria Evandra Gomes se define como uma pessoa extrovertida, falante, que não tem medo de nada nem de ninguém. Ela gosta de dançar, foi professora de dança, é de curtir muito. Não sai mais porque tem um filho com problema, que não pode largar. Ela chegou em São Paulo durante os festejos do IV Centenário da cidade, quando ainda havia poucos bairros, pouca gente. "Naquele tempo era sossegado, as pessoas não andavam olhando para trás. Agora a gente fica olhando para todos os lados por causa da falta de segurança".

### História completa

#### Identificação

Meu nome é Maria Evandra Gomes. Nasci em Aracaju, Sergipe, no dia 5 de fevereiro de 1938.

#### Chegada em São Paulo

Eu cheguei aqui de Aracaju em dezembro de 54. Era o IV Centenário da cidade de São Paulo. Eu lembro, quando eu cheguei aqui estavam fazendo a festa do aniversário de 400 anos da cidade. E eu já estou com 50 anos aqui. Naquela época era pouca gente, não tinha ninguém, só bonde. A cidade era diferente, tinha poucos bairros. Não tinha tanto prédio, os bairros antigos eram o Brás, Moóca, São Miguel, Santo Amaro, Lapa, Avenida Paulista, mas não era do jeito que é hoje. É que nem, eu moro em São Mateus, ali era mato. Não existiam os bairros que existem agora.

#### Rudge Ramos

Quando cheguei fiquei em Rudge Ramos, São Bernardo do Campo. Nem São Bernardo era do jeito que está, nem Rudge Ramos era desse jeito. Os ôníbusinhos saíam do Parque D. Pedro, naquela época era assim. O cobrador com... a passagem era um bilhetezinho, papelzinho que dava, era assim, rosa, verde e amarelo. Eram três qualidades de cores para vender a passagem na época que eu cheguei aqui em São Paulo. Não existia nem Rodoviária aqui. A Rodoviária era no Brás, era uma portinha. Quando eu saí de Aracaju que eu vim para cá, era a Empresa Rodoviária Sergipe Ltda., em 54. Aí eu peguei um bonde, que só existia bonde, ônibus pouquinho, um pouquinho existia. Eram um ônibus que chamava Estações, outro Irradiação, era já a CMTC.

#### Transformações

Olha, aquele tempo era sossegado, a gente não andava olhando para trás. Agora a gente anda olhando para trás, para os lados, e a gente fica até nem sei como. Dá medo até de andar aqui. É muita violência hoje. Naquele tempo não existia. O que mudou para melhor é que agora tem o metrô. Que é rápido, que é mais... deixa eu ver... tem metrô, hospital... porque naquela época, até hoje graças a Deus, eu já estou com 65 anos e nunca fui para hospital, assim, de precisar. Mas para trabalhar, o único hospital que eu trabalhei foi o do Tatuapé, durante 22 anos. Eu sabia onde era o Hospital das Clínicas, mas nunca fui lá.

#### Lazer

Quando eu cheguei aqui era o Ipiranga que tinha para a gente ir de domingo, no Museu do Ipiranga. Eu não saía de lá. No Ibirapuera eu não cheguei a ir. Eu ia é para o Museu do Ipiranga, também descia muito para Santos naquela época. Hoje em dia, para passear eu vou no Shopping Ibirapuera, ou no Shopping Paulista, outra hora é o Shopping Eldorado, é o Center Norte, é o Metrô Tatuapé. Conheço todos os shoppings da cidade. É o Ibirapuera, o Iguatemi, é o Shopping Santo André, sabe, eu ando muito, é o Anália Franco. Eu não vou comprar, mas ando. (risos) É que nem eu vi ontem o Jô Soares falando, o rico quando entra em shopping é para comprar, e o pobre é só para olhar. Então, como eu estou aposentada da Prefeitura de São Paulo, só olho, eu gosto de ver as coisas, eu gosto de andar muito.

#### Auto-retrato

Eu sou uma pessoa andarilha. Gosto muito de caminhar, sabe, bater perna. Ah, eu gosto de conversar, eu gosto de, sabe, conversar com as pessoas. Eu gosto de dançar, eu sou professora de dança, eu sou de curtir. Não saio mais porque tenho um filho com problema, que eu não posso largar. Se não, eu ia para rodeio de cavalo, assim, em Barretos, eu ia para Recife, eu ia passear no norte, eu não parava. Meu negócio é só andar, curtir, passear, sabe, eu não sou de ficar presa dentro de casa. Para as pessoas que eu conheço e mesmo para as que não conheço, eu passo isso. Gosto de dialogar com as pessoas, sou extrovertida, eu sou uma pessoa pra frente. Eu chego, não tenho vergonha, eu encaro, eu meto as cara, eu falo, nem que tenha que ouvir que estou falando demais. Eu não tenho receio de nada, eu não tenho vergonha de nada. Se é para falar com a prefeita, eu chego e falo. É que eu não tenho acesso. Mas se fosse para falar, eu falava com a prefeita, com o Alckmim, qualquer pessoa. Eu não tenho vergonha de nada. Por exemplo. Conheci você agora, se for para falar eu falo, chego junto, abro o jogo. Não sou uma pessoa assim, retraída, de jeito nenhum